

**Gene Getz, *A Igreja: Forma e Essência. O Corpo de Cristo pelos Ângulos da História e da Cultura*, trad. Márcio L. Redondo (São Paulo: Vida Nova, 1994) 411 pp.**

Na introdução à edição em português, o Pr. Daniel Lima, do Conselho de Igrejas para Desenvolvimento de Líderes (BILD), fala aos pastores sobre o objetivo do livro, ao expressar o desejo de que, "utilizado com seriedade, ele possa libertar sua comunidade de muitas formas, possibilitando um ministério muito mais aplicável a sua situação e muito mais harmônico com o propósito de Deus..." (p. 8).

A obra divide-se em quatro partes, sendo a primeira *O Ângulo da Escritura*, com dezesseis capítulos; a segunda *O Ângulo da História*, com dois capítulos; a terceira parte *O Ângulo da Cultura*, com apenas um capítulo; uma parte final, em que se propõe *O Desenvolvimento de uma Estratégia Contemporânea*; e dois apêndices.

Na primeira parte, que ocupa 60% da obra (267 páginas), o autor apresenta a abordagem bíblica, começando com uma perspectiva da renovação da igreja e fazendo uma boa análise dos movimentos de crescimento da igreja. Embora passe muito rápido sobre cada um desses movimentos, Getz destaca os pontos básicos dos mesmos, que são o pragmatismo e a força do quantitativo como critérios finais. A seguir, faz um resumo, dizendo que a necessária revitalização da igreja se fará pela aplicação dos princípios bíblicos de renovação, desde a comunidade até o indivíduo.

O segundo capítulo dessa primeira parte ainda é introdutório. Talvez pudesse ser o primeiro capítulo, considerando que realmente dá início à discussão proposta, embora ainda não apresente avaliação bíblica condizente.

No terceiro capítulo, o autor, que criticou no primeiro capítulo os dois critérios básicos dos movimentos de crescimento da igreja, expõe-se a levar umas pedradas no seu telhado de vidro. Quando ele define as duas funções fundamentais da igreja, afirma que são fazer discípulos (quantitativo) e responder ao que "Deus espera que aconteça aos fiéis à medida que se reúnem..." (em resumo, pragmatismo). Por que a igreja existe? No gráfico bíblico utilizado para responder a esta pergunta ele entra no caminho dos movimentos de crescimento da igreja.

A mais séria lacuna desse capítulo, que poderia ser a salvação da argumentação do autor, levando-o a afastar-se daquilo que criticara, é a ausência do princípio bíblico de que a igreja existe antes de tudo para a glória de Deus. Certamente essa é a razão de ser da igreja e ela deve manifestar essa glória ao mundo.

No quarto capítulo, a obra inclina-se para a forma, e a essência se perde. O título é "A Formação de Discípulos." Esperava-se que fosse dada uma prova bíblica substancial da essência da igreja, mas o autor já está tratando da forma. Falta a ênfase bíblica de que a igreja existe para a glória de Deus, para a comunhão dos santos (*communio sanctorum*) e para uma vida de santidade. O autor ainda omite temas como a relação da igreja com o reino de Deus, a igreja como companhia dos eleitos (*coetus electorum*) e a sua autoridade na dispensação dos sacramentos (o lugar do batismo e da comunhão), na disciplina e na pregação.

Embora o autor esqueça esses aspectos tão importantes da essência e mergulhe de vez na forma, "o fazer discípulos," a "tarefa" da igreja é na verdade o grande assunto do

livro.

Getz aborda as práticas e analisa os líderes do Novo Testamento, suas funções, dons e graças. Certamente este é o forte do livro em termos bíblicos.

Nos capítulos 12 a 14, o autor apresenta uma boa análise do funcionamento e da administração da igreja. No final da primeira parte, ele faz um resumo no capítulo 16, onde existe um apelo que sem dúvida deveríamos ouvir: a vida moderna exige dos pregadores e comunicadores da mensagem evangélica um equilíbrio entre a criatividade (que os faria um pouco mais atentos a ver o mundo em mudança) e o exagero da inclinação tecnológica.

Na segunda parte do livro, os dois capítulos propõem-se a mostrar a igreja do ângulo da história. Aqui, o medo do autor, para não dizer o terror, do que ele chama de "institucionalização da Igreja," o absorve de tal maneira que os dois capítulos desta parte desproporcional se anulam. Talvez o temor de escrever um trabalho pesado, grande ou prolixo o tenha feito correr atropeladamente para o final, fazendo injustiça ao próprio nome *ekklesia*, que é um povo chamado de um mundo desorganizado e desintegrado pelo pecado para se "reunir," tornar-se "um povo organizado", "um organismo vivo," separado e ordeiro, com leis que regulam os seus relacionamentos.

Na terceira parte do livro, onde a "Igreja: Forma e Essência" é analisada a partir do ângulo da cultura, o autor propõe-se apresentar algumas implicações culturais para a igreja. É apenas um capítulo, com dez recomendações para a igreja enfrentar a cultura. Apesar de muito superficial, coisa, aliás, que já se podia esperar pela brevíssima introdução, o autor tem boas propostas, exceto duas nas quais aparentemente se contradiz, a quinta e a décima recomendações. É o medo do institucional e a necessidade dele. Não sei porque se deve sempre ver mecanicidade fria ao invés de organização dinâmica. Graças a Deus é possível ser organizado e fervoroso.

Na quarta parte do livro o autor propõe o desenvolvimento de uma estratégia contemporânea. São dois capítulos, sendo o primeiro uma recapitulação de todo o livro na forma de perguntas de avaliação, dentro dos três ângulos que se propôs: bíblico, histórico e cultural.

O autor perde ao esquecer o lugar das grandes confissões e suas influências benéficas e abençoadoras sobre o povo do Senhor. Amaldiçoar as estruturas, a institucionalidade, por causa do terrível espírito de acomodação, é mandar destruir as colunas do edifício e mesmo assim querer morar dentro dele! Para os dois capítulos um título melhor seria "A Ameaça da Instituição." Como ter ofícios, as ordens no culto, as disciplinas, e as ordens sacramentais, todas bíblicas, sem a instituição? Mesmo sendo espiritual, a igreja está num mundo físico, onde há limites de espaço e tempo que a obrigam, à luz da Palavra, a institucionalizar-se. Não me esqueço de uma crente carismática que desprezava a nossa igreja por ter um nome. Essa senhora foi contraditada pela filha, pois no domingo anterior a sua igreja decidiu registrar-se num cartório para adquirir um terreno e por isso a comunidade precisou denominar-se urgentemente... e a irmã que se gabava da "igreja sem nome" estava ausente. Até para combater a instituição é necessário institucionalizar-se.

Aqui, de novo, a tecla não mudou. O que a princípio temeu e aparentemente combateu, o autor acabou sofrendo — o pragmatismo tomou conta. Ele apresenta um "plano gradual de renovação... uma estratégia para desenvolver... um *método prático* para introduzir

mudanças" (p. 327; grifo meu). É a mesma tendência inevitável dos movimentos de crescimento da igreja: metodologias e praticidade.

Para Getz, o ser da igreja é a evangelização (ação). O Novo Testamento, entretanto, mostra a igreja buscando primeiro a glória de Deus, a vida de santidade e a evangelização sendo a conseqüência natural. Há trechos no livro nos quais o autor questiona a evangelização temporária. Mas quando esperávamos que a "essência" da igreja realmente aparecesse, vimos a luta pela troca de formas.

Há dois apêndices onde se colocam lado a lado versículos bíblicos para mostrar porque a igreja existe (para evangelizar) e como deve existir como comunidade congregada (para edificar-se). Na mesma linha pragmatista são arrolados dois grupos de versículos relacionados com "Atividades e Diretrizes" e "Resultados e Objetivos." São 411 páginas de debate sobre a forma, onde a *essência* figurou apenas como título na capa do livro.

Entre as contribuições positivas, contudo, podemos observar o seguinte: o autor escreveu sobre um assunto que raramente vemos enfocado e que de fato é muito necessário; ainda que de modo desequilibrado, ele tenta colocar biblicamente o assunto da forma e da essência da Igreja; é muito feliz a sua abordagem nos capítulos 12 e 14, em que trata dos ofícios e da liderança da igreja; também é feliz quando ao fim de cada capítulo faz um resumo e ao final de cada parte sintetiza os capítulos, metodologia que é muito pertinente ao propósito da obra.

Apesar dos reparos feitos, recomendo a leitura do livro. Creio que qualquer que o ler terá bom aproveitamento.

— Cleômines A. Figueiredo